

PARTE II: SERPENTE

Estêvão Silveira, 67 anos

A festa fora incrível. É muito difícil descrever o que ali foi realizado. Tudo foi organizado ao ínfimo pormenor, quer falemos da comida ou dos detalhes decorativos. Penso que as decisões organizacionais foram concedidas à Filipa, até porque o meu filho tinha certamente muito em que pensar.

Estava um dia maravilhoso. Algumas nuvens pesadas, mas eu sentia que não ia chover. São muitos anos a avaliar a aragem que nos toca a pele e desperta os sentidos. A aragem era naquele dia muito simpática, pintada em tons outonais e propícia ao género de festa a que tivemos acesso. Prova de que não iria chover é que apenas um dos convidados levou guarda-chuva. Costumo reparar neste género de pormenores. Era um guarda-chuva longo e preto.

Presumo que o que mais vos interessa é conhecer a minha perspetiva do que aconteceu à Filipa durante a festa. Ora, eu estava embebido num diálogo comigo próprio. Pensava numa viagem à Toscana que fizera dois anos antes, e comparava as paisagens que vira nessa altura com as que se deparavam à minha frente. Apesar do diferenciador, as montanhas, tudo o resto era muito parecido. As cores, os cheiros, a sensação de paz... tudo me fez viajar no tempo e no espaço. O meu diálogo quase absurdo foi interrompido por murmúrios que não vinham da natureza que ocupava os meus olhos. A Filipa queixava-se do sangue que tinha na perna. Presumo que me dei conta do sucedido tarde demais. Qual não foi o meu espanto ao tomar conhecimento do que havia ocorrido. Uma abelha, senhoras e senhores. Uma abelha causara tanta desordem?

Reflito constantemente acerca do que se passou, analisando todas as atitudes do meu filho e da sua namorada durante aquela festa, mas tudo me pareceu normal até ao incidente que acabo de descrever. Em nenhum momento suspeitei de que algo errado se passava, se é essa a conclusão a que querem chegar. Falo somente das duas pessoas que acabaram por falecer, uma no funeral da outra. Ainda assim, há um pequeno pormenor com o qual tenho tentado batalhar. Ele tenta esquivar-se, ao passo que eu tento puxar a brasa à minha sardinha e obter algo que me traga a lógica que necessito para o entender.

A minha esposa obrigou a nossa filha Bárbara a ir à festa. O Daniel não a convidara, mas a Margarida pensou que seria a decisão mais lógica a tomar. No início não entendi por que razão o fizera, mas hoje questiono-me se a minha esposa não estava a tentar reunir os filhos pela última vez. O instinto de mãe dir-lhe-ia que o filho estava prestes a falecer? Penso firmemente que pretendia resolver de uma vez por todas a tumultuosa relação entre os filhos, que simplesmente se apagou, como seria de esperar, depois da violação.

Susana Martins, 33 anos

Sentia-me um anjo naquele fatinho bem feminino. Faltavam-me as asas e a auréola, mas sentia-me um anjo.

Se me dou bem com a Bárbara? Dou. Não somos melhores amigas nem temos os mesmos interesses, contudo falamos um pouco quando nos vimos. É como passar uma demão cada vez que nos cruzamos. A parede, nossa relação, vai ficando cada vez mais protegida de eventuais humidades ocasionais e o elo que nos une mais forte. Conversámos bastante durante a festa de aniversário da associação, até de assuntos cuja gravidade superou o meu talento de compreensão exaustiva. O Daniel violara a irmã. Esta razão vale mais do que mil e uma razões para se matar alguém. Eu mataria o meu irmão se ele me violasse. Mataria o meu pai se me violasse. Matar-me-ia a mim própria se a vida me violasse.

Ela tinha 22 anos. O irmão culpa o álcool pelo que aconteceu, mas só um covarde diria algo do género. Sei que o Daniel era materialista, mas o meu julgamento não me deixava ir mais longe. No fundo, sempre pensei que alguém assim era a pessoa ideal para gerir um negócio. No que toca à violação, perdi muito do respeito que tinha pelo meu patrão depois de ter tomado conhecimento do seu ato bárbaro. A festa estava a ser agradável, mas falar com a Bárbara fez-me voltar a pensar na injustiça da vida e no que certas pessoas nos fazem para alterar completamente o nosso amanhã. Fazem-nos cair ao abismo por uns segundos de prazer. Nunca entenderei este lado tão macabro de um ser que se julga racional.

Decidi ir falar com ele, contrariando a irmã. Quando estava sozinho, perdido nos seus pensamentos, aproximei-me dele e tentei seduzi-lo. Não era decerto a Miss da Festa, mas sei fazer uso de alguns truques que fui adquirindo ao longo dos anos. Ele entendeu aonde eu queria chegar e levou-me discretamente para o interior da mansão. Procurou desesperadamente por um quarto, que encontrou no primeiro andar. Entrámos e ele encarregou-se de fechar a porta à chave. Tornei-me a melhor atriz da Terra, transformando-me numa dominatrix que nunca imaginara antes. Deitei-o na cama como se lança lenha para a fogueira e despi-o insaciavelmente. Abri as gavetas das mesas-de-cabeceira na esperança de encontrar algo que me ajudasse a prendê-lo, mas acabei por usar os nossos cintos, as suas calças e a camisa. O Daniel estava preso, de pernas abertas e excitado. Dirigi a minha boca ao seu pénis de forma a enganá-lo. Encontrei o ânus.

Comecei com um dedo.

Depois dois, até à mão inteira.

Ele tentava escapar. Justiça estava a ser feita.

Viviana Horta, 35 anos

A Susana desaparecera com o patrão. Vi-os juntos à entrada da mansão, ela muito descontraída e ele com um ligeiro aumento do órgão que tem entre as pernas. O Daniel era bonito, mas nunca especulei sobre uma possível relação entre ele e um dos meus colegas. Parece que estava enganada.

Decidi não contar o que vira à Filipa, mesmo depois dos largos minutos de ausência. Ela começou a preocupar-se, mas ele acabou por regressar, sozinho, caminhando como um deficiente motor.

Comi um último canapé antes de me dirigir ao pequeno grupo que conversava alegremente. Falavam de política. “Que coisa chata”, pensei. Tentei intervir sempre que julgava adequado. Repentinamente, a Filipa, quase ao meu lado, gritou como se não houvesse amanhã. Juro que pensei num possível ataque criminoso, concretizado por um maluco qualquer. Na realidade, a Filipa sangrava da perna, sem saber qual a origem de tal ferida. Afirmou tratar-se de uma picada de abelha, mas ninguém acreditou nisso. Penso eu que ninguém acreditou nisso. Ela havia sido ferida por algo mais pontiagudo, que fizesse o sangue sair como molho de tomate a cair num tacho.

Fui ajudá-la de imediato, estacando o sangue com um lenço de papel que tinha no bolso. A dor parecia imensa, mas a Filipa tinha tendência para exagerar tudo o que se passava na sua vida.

O Daniel, ainda algo desorientado, aproximou-se para tentar perceber o que acabara de acontecer e aproveitou a oportunidade para abandonar a festa da sua associação. Senti que ele acabara de ser perturbado física e mentalmente.

Para minha surpresa, o André aproximou-se também e opinou em relação à atitude despreocupada do Daniel para com a sua namorada. Mais uma vez preocupava-se apenas consigo. Penso não ser necessário dizer que o meu patrão detestou o que o empregado lhe disse. Foi um dos principais momentos em que senti a forte presença do fator hierarquia numa discussão. O Daniel mandava; o André tinha apenas de respeitá-lo.

Aí começou o desentendimento que durou até à manhã seguinte, pouco antes da morte do Daniel. Teria agido se acreditasse que tal discussão levasse à morte deste último. Quem o atropelou, julgo que o fez com a intenção de o matar. Creio que o André não seria capaz de matar, mas nunca conhecemos verdadeiramente alguém. Até eu, mesmo que diga que nunca matarei, amanhã posso sentir-me obrigada a fazê-lo. São coisas inesperadas da vida. Não pretendo com isto desculpar quem o faz, apenas constatar que pode tornar-se inevitável fazê-lo.

Como o Estêvão, por exemplo, que se viu obrigado a matar a cunhada. Aconteceu sem que ele o quisesse, mas ela caiu da falésia.

Margarida Silveira, 64 anos

Queria voltar a vê-los como irmãos. Irmãos que se amam e fazem tudo juntos e não inimigos mascarados de irmãos. Queria voltar a ter uma família normal, na esperança de alterar o fundo que serve de base para a personalidade do meu filho. Eu sabia que era um objetivo bastante complicado e tinha por isso noção da fraquíssima probabilidade de êxito do meu plano.

Levei a Bárbara àquela maldita festa. Ela ia completamente contra a sua vontade e eu devia tê-la compreendido. Afinal de contas o meu filho havia agido como um ser irracional com ela. Acabei por perdoá-lo como qualquer mãe faria, arrependendo-me ao perceber que ele o faria de novo sem qualquer remorso. Não sei o que fiz para o meu filho se tornar num ser asqueroso.

Amo-o, mas sofri muito com ele. Nunca ouvi um elogio da sua boca, apesar das minhas diversas tentativas de pacificação.

Não tive tempo suficiente para implementar o meu plano, já que o meu filho desapareceu e regressou pouco antes do momento que terminou com a festa. A Filipa começou a sangrar e acabou por ir embora com o meu filho. Reconheço hoje que aquele foi o melhor desfecho para uma intenção que, se se concretizasse, teria decerto uma pior conclusão.

Falei com o Daniel no dia seguinte e ele pediu-me muito cuidadosamente para que eu ficasse com a Filipa. “Ela não está bem”, disse-me. E não estava. Passei o dia a lidar com náuseas, vômitos e convulsões. Sentia-me incapaz de a ajudar, mesmo insistindo para a levar ao hospital.

Tinha terminado de almoçar quando a polícia foi lá a casa. Deram-me a notícia mais dura que alguma vez ouvira e eu chorei compulsivamente. “Parece-nos que foi envenenado”, disseram-me. “Por uma serpente?”, retorqui, ingénua.

Eu estava muito mal no funeral. Passara a noite a culpar-me por não ter conseguido unir os meus filhos. O Daniel teria provavelmente morrido ligeiramente mais feliz. Tinha de compreender a minha filha e o que ela sofrera às mãos dele, mas seria tão bom se o passado pudesse ser esquecido. Sou egoísta, presumo. É querer demais ser feliz e que aqueles que amamos sejam felizes?

Penso que o Daniel se suicidou com um veneno qualquer. Não conseguindo lidar com a sua própria malvadez, não encontrou outra via que não a da morte. No início pensei que ele nunca seria capaz de fazer algo do género, mas depois convenci-me que alguém que faz tanto mal a outrem pode fazer mal a si próprio.

Se me perguntarem se eu ou o meu marido seríamos capazes de matar o nosso filho, a resposta seria “não”. A vontade já esteve presente na minha mente, mas falta-me uma única coisa: espírito de homicida.